

Habitação e habitat camponês em debate no IAU-USP

O 1º Seminário Regional do Habitat Rural: moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista*

João Marcos de Almeida Lopes, Akemi Ino**

A cidade não se configura só pelo que ela é, mas também pelo que ela não é. O olhar da arquitetura, acomodado a uma abordagem sedimentada por uma visão de urbanismo autocentrado nas estruturas essencialmente urbanas, nos faz reduzir a noção de território, de moradia, de habitat e de cidadania aos limiões dados pelo que nos acostumamos a chamar de cidade. No entanto, como nos lembram Marx e Engels, o campo e a cidade tramam, senão a primeira, uma das mais importantes contradições dialéticas da história da civilização (Marx; Engels, [1845-1846] 2007, p.52). O 1º Seminário Regional do Habitat Rural: moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista, sediado no Campus da USP em São Carlos nos dias 28 e 29 de março de 2019, arriscou transpor tais limiões, lidar com essa contradição e, para além do perímetro urbano, chegar aos territórios habitados da *não-cidade*.

Organizado pelo Grupo de Pesquisa em Habitação e Sustentabilidade (Grupo HABIS/IAU-USP) com o apoio do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, o evento integra um conjunto de ações mobilizadas pelo grupo que, desde o início dos anos 2000, vem dedicando esforços para debater e analisar o tema da habitação e do habitat rural no campo da arquitetura e do urbanismo, seja por meio do ensino e da pesquisa, como também por atividades de extensão, de formação complementar e através da organização de eventos científicos.

Apesar de ser esta sua primeira edição, este *Seminário Regional do Habitat Rural* reverbera o acúmulo do Grupo HABIS, consolidado na organização, junto a outros parceiros, das duas últimas edições do *Colóquio Habitat e Cidadania* – evento de abrangência nacional e pioneiro no debate sobre habitação rural no país¹. Mas, diferentemente dos *Colóquios Habitat e Cidadania* – que têm por princípio congregar acadêmicos, movimentos sociais e assessores técnicos nos debates teóricos e práticos em torno de experiências em habitação e habitat rural – este *Seminário* se propôs a uma tarefa diferente.

* Participaram ativamente da elaboração deste texto as pesquisadoras Cecília Lenzi, Fernanda Seleguim e Mathilde Teixeira Col, assim como os pesquisadores Angel Castañeda Rodriguez e Rodolfo Sertori.

** João Marcos de Almeida Lopes é Arquiteto e Urbanista, professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo IAU-USP, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-9999-2473>>; Akemi Ino é Engenheira Civil, professora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo IAU-USP, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5362-4242>>.



Figuras 1 e 2: Imagens do 1º Seminário Regional do Habitat Rural: moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista - 2019. Fonte: fotografias de Paulo Victor Souza Ceneviva, edição de Angel Castañeda Rodriguez.

¹ A primeira edição do Colóquio Habitat e Cidadania foi realizada em 2006 no Rio Grande do Norte, e foi organizada pelo Grupo de Estudos de Reforma Agrária e Habitat (GERAH) da UFRN sob coordenação da profa. Amadjá Henrique Borges. A segunda edição ocorreu em 2011 em São Carlos e foi organizada pelo GERAH-UFRN, pelo Grupo HABIS e pela USINA CTAH. A terceira e última edição ocorreu em 2015 em Brasília, e foi organizada pela mesma equipe da segunda edição, à qual se somou o grupo *Periférico* da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

² Esta pesquisa (nº processo 461728/2014-1) teve apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir da chamada MCTI/CNPq/Universal 14/2014 – Faixa C. Foi coordenada pela profa. Akemi Ino, com apoio do prof. João Marcos de Almeida Lopes, ambos do IAU-USP e coordenadores do HABIS. Participaram dos trabalhos de pesquisa: Anaís Guéguen, Angel Castañeda Rodriguez, Cecília Lenzi, Fernanda Seleguim, Mathilde Teixeira Col e Rodolfo Sertori.

A realização deste *Seminário* nasceu dos questionamentos levantados ao longo de uma pesquisa empreendida entre 2014 e 2018 por uma equipe do grupo HABIS, intitulada “Produção do PNHR nos assentamentos rurais do estado de SP: inserção territorial e avaliação arquitetônica, construtiva e tecnológica”². Esta pesquisa, que contou com o financiamento do Edital Universal do CNPq, tinha como objetivo geral descrever, compreender e analisar os processos de projeto e produção do habitat em três assentamentos rurais da região oeste do estado de São Paulo, cujos assentados acessaram os subsídios do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), vinculado ao Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Para tanto, a estrutura da pesquisa foi organizada em quatro eixos principais: I) A questão agrária no oeste paulista – uma região marcada pelo conflito fundiário e pela devastação promovida pelo agronegócio, que faz dela um verdadeiro ‘faroeste paulista’; II) Infraestrutura nos assentamentos, serviços e equipamentos públicos – aspectos extremamente sensíveis, que interferem diretamente na condição de existência dos assentamentos; III) Programas, projetos e produção habitacional – este o objeto central da pesquisa, abordando aspectos financeiros, organizacionais, tecnológicos e de uso e ocupação; e IV) Produção da agricultura camponesa nos assentamentos – observada como manifestação da articulação entre espaço e atividade produtiva.

Os resultados e as reflexões engendradas por essa pesquisa conformaram as bases teóricas e metodológicas que guiaram a concepção desta primeira edição do *Seminário*. Assim, se a pesquisa foi estruturada conforme os quatro eixos anteriormente citados – que, articulados entre si, ensaiaram a composição de um conceito de *habitat camponês* que vincula fundamentalmente a questão agrária aos temas da habitação e do habitat rural –, da mesma forma o *Seminário* transcorreu ao longo de quatro mesas redondas, cujos temas eram correlatos aos eixos da pesquisa – apesar de guardarem certa autonomia em relação a eles. Isso possibilitou que esta correlação entre *pesquisa* e *evento* não nos restringisse apenas ao comentário dos resultados da pesquisa em si: a ideia do evento foi exatamente extrapolar os limites habituais das pesquisas acadêmicas, chamando para o fórum de debates um grupo interdisciplinar de pesquisadores que tiveram como tarefa conhecer os resultados da pesquisa realizada pelo grupo e, com base nisso e para além desses resultados, expor suas reflexões a respeito dos temas de cada mesa redonda, acrescentando à discussão novos elementos oriundos de suas respectivas trajetórias acadêmicas e profissionais.



Figuras 3 a 7: Imagens do 1º Seminário Regional do Habitat Rural: moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista - 2019. Fonte: fotografias de Paulo Victor Souza Ceneviva, edição de Angel Castañeda Rodriguez.

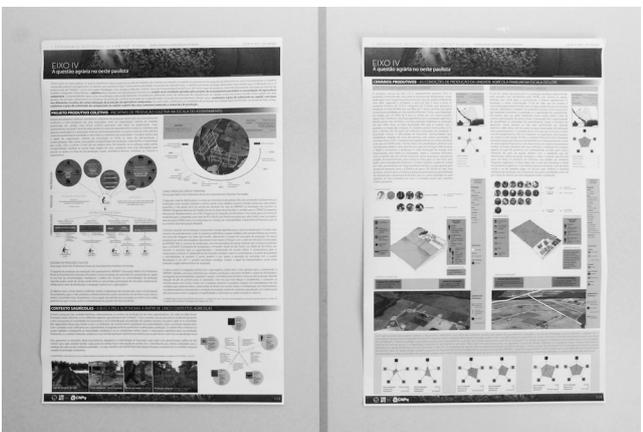
Os debatedores convidados para as quatro mesas redondas do *1º Seminário Regional do Habitat Rural* foram pesquisadores provenientes das áreas da arquitetura, economia, ciências sociais, geografia e engenharia agrícola. A primeira mesa, intitulada **“Questão agrária e disputas pelo território”**, teve como objetivo explorar os limites da impossibilidade de nos furtarmos de enfrentar a questão agrária na formulação do problema da habitação nas áreas rurais brasileiras. Para esta tarefa, foi convidado o economista Plínio de Arruda Sampaio Jr., professor do Instituto de Economia da UNICAMP, de Campinas, e o geógrafo Carlos Alberto Feliciano, professor da Faculdade de Ciência e Tecnologia da UNESP, de Presidente Prudente. As suas contribuições procuraram localizar a questão agrária brasileira no panorama político e econômico global, assim como retratar as especificidades políticas, territoriais e históricas da região do Pontal do Paranapanema, onde se localizam os estudos de caso da referida pesquisa.

A segunda e a terceira mesa do evento tiveram como objetivo debater alguns aspectos da *cidadania* dos habitantes da *não-cidade*. A segunda mesa, intitulada **“Planejamento territorial e cidadania camponesa”**, procurou explorar os limites e potencialidades da atuação do arquiteto para além do perímetro urbano, enquanto mediador nas ações de planejamento dos assentamentos rurais e do habitat camponês. Foram convidados a debater a arquiteta Maria de Lourdes Zuquim, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em São Paulo, e o economista Joelson Gonçalves de Carvalho, professor do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar, em São Carlos. Provocados a refletir se *seria necessário urbanizar o campo para garantir ao campesinato o acesso aos seus direitos enquanto cidadãos*, os debatedores versaram sobre a invisibilidade das populações rurais e suas consequências, tanto no âmbito das estatísticas institucionais – que acabam mascarando o verdadeiro impacto do campesinato na economia nacional – quanto na esfera do modelo de planejamento territorial hegemônico – que destituiu os espaços das populações mais pobres de seus direitos, seja no campo ou na cidade.

Outro aspecto do problema da cidadania nas áreas não urbanas foi especialmente tratado na terceira mesa redonda do evento, intitulada **“Financiamento habitacional e a produção da moradia no campo”**. Foram convidados para este debate o arquiteto Carlos Adriano Constantino, técnico do Ministério das Cidades³, e o arquiteto João Marcos de Almeida Lopes, professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP em São Carlos, coordenador do Grupo HABIS e colaborador da *USINA CTAH*, grupo de assessoria técnica sediado em São Paulo, em atividade desde 1990. Se a composição da mesa poderia resultar num impasse, uma vez que colocava frente a frente dois lugares de fala que geralmente se contrapõem na luta pelas políticas de financiamento habitacional (Estado e movimentos sociais), o debate resultou num profícuo diálogo que permitiu entrever possibilidades de atuação dos arquitetos na histórica disputa por fundos públicos para a produção de habitações junto aos movimentos sociais do campo.

O trabalho camponês e suas implicações nas dinâmicas de produção da habitação e do habitat rural – muitas vezes dissonantes e desajustadas entre si – foram o foco da quarta e última mesa do evento. Intitulada **“O habitat rural e a produção camponesa”**, a mesa contou com as contribuições do engenheiro de alimentos Wilson Mazalla Neto, pesquisador da Faculdade de Engenharia Agrícola e professor participante do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática,

³ As atividades desenvolvidas pelo antigo Ministério das Cidades foram absorvidas pelo Ministério do Desenvolvimento Regional a partir de 2019.



Figuras 8 a 13: Imagens do 1º Seminário Regional do Habitat Rural: moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista - 2019. Fonte: fotografias de Paulo Victor Souza Ceneviva, edição de Angel Castañeda Rodriguez.

ambos da UNICAMP, e da arquiteta Liza Maria Souza de Andrade, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, em Brasília, e coordenadora do grupo Periféricos de extensão acadêmica. Os aportes dos debatedores se concentraram nas perspectivas teóricas acerca do modo de vida e do trabalho camponês, assim como nas experiências de extensão acadêmica que permitem aos estudantes de arquitetura o contato com este modo de vida que está para além dos perímetros urbanos. Coloca-se ao arquiteto o desafio de ensaiar novas formas de projeto territorial capazes de se posicionar lucidamente no regime de enfrentamento dos mecanismos que, cada vez mais, pretendem subordinar o trabalho camponês ao capital – tarefa irrealizável se prevalecer a dicotomia urbano-rural que orienta e alimenta os conteúdos didáticos na grande maioria das escolas de arquitetura e urbanismo do país.

Os questionamentos que surgiram nessa pesquisa empreendida pelo Grupo HABIS e que ganharam nova dimensão com os debates realizados neste *Seminário Regional do Habitat Rural*, seguirão se expandindo através dos desdobramentos do evento. Em breve, os alunos da pós-graduação do IAU-USP terão a oportunidade de aprofundar seus estudos sobre as **Interpretações da Formação Social e Econômica do Brasil Contemporâneo** por meio de disciplina regular que deverá ser oferecida pelo prof. Plínio de Arruda Sampaio Jr. Através dela, acreditamos que será possível evidenciar ainda mais a importância de se trabalhar a questão agrária brasileira no interior das problemáticas que já são objeto dos cursos de arquitetura e urbanismo do país.

Além disso, como mais um desdobramento da pesquisa e do debate no *Seminário*, o Grupo HABIS coordenará uma oficina sobre o projeto espacial e a questão agrária brasileira durante o **9º Encontro da rede ERPS** (*Espace Rural e Projet Spacial*), que irá ocorrer de 10 a 12 de outubro em Ardèche, sudeste da França, e será organizado pela *École Nationale Supérieure d'Architecture de Lyon*. A expectativa é que este intercâmbio entre o IAU-USP e a rede francesa ERPS, formada majoritariamente por escolas de arquitetura, colabore na consolidação do campo de pesquisa sobre a habitação e o habitat rural na arquitetura e no urbanismo no Brasil.

Cabe aqui registrar nosso agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio concedido para realização do evento; ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP) pelo apoio no transporte dos convidados e pelo registro audiovisual; e à Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP) por disponibilizar sua equipe operacional da copa e do auditório Jorge Caron durante o transcorrer do evento - graças aos quais pudemos usufruir dos debates até seus últimos e definitivos momentos.

Por último – e não menos importante –, é preciso deixar registrado o reconhecimento pelo empenho, dedicação e seriedade com que o grupo responsável pelos trabalhos conduziu não só a pesquisa *“Produção do PNHR nos assentamentos rurais do estado de SP: inserção territorial e avaliação arquitetônica, construtiva e tecnológica”* como toda a organização e realização do *Seminário* aqui relatado. Sem pesquisadores como estes, a universidade deixaria de ter sentido como centro de produção de conhecimento qualificado e de protagonismo privilegiado nos processos de transformação social e cultural a favor de uma sociedade mais justa, equânime e – principalmente, dado o período que vivemos – esclarecida.